



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	A cultura do medo e a privatização da segurança no Rio Grande do Sul
<b>Autor</b>	CAROLINE SCHMIDT
<b>Orientador</b>	VANESSA CHIARI GONÇALVES

Título: A cultura do medo e a privatização da segurança no Rio Grande do Sul

Aluna: Caroline Schmidt

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Vanessa Chiari Gonçalves

Instituição de ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este trabalho investiga o impacto da cultura do medo sobre o policiamento privado no Rio Grande do Sul. A hipótese principal sugere que o discurso hegemônico de constante escalada da criminalidade violenta, diariamente retroalimentado pelos meios de comunicação, fomenta a busca por serviços particulares de proteção. A fim de ilustrar como a percepção coletiva da ameaça delinea diferentes paradigmas de Segurança, a exploração do problema partirá de um exame comparativo do papel atribuído às empresas de segurança em face de três eventos amplamente divulgados: a “moda” dos tiroteios em massa nas escolas norte-americanas entre outubro de 1997 e abril de 1999, o massacre de Villas de Salvárcar na Ciudad de Juárez (México), em 2010, e a “onda de violência” no Rio Grande do Sul em 2016. A partir da análise desses acontecimentos, a segunda etapa do trabalho consistirá no mapeamento de dados relativos à segurança privada no RS. Desse modo, utilizando-se dos métodos de abordagem hipotético-dedutivo e dialético, mediante revisão bibliográfica e pesquisa de material jornalístico publicado, objetiva-se analisar em que medida a espetacularização de tragédias pela mídia e a construção intersubjetiva de um pânico moral acerca da violência urbana interferem na dispersão de agentes privados de segurança pelo RS. Embora os dados disponíveis sobre esse mercado sejam limitados, infere-se do V ESSEG (Estudo do Setor de Segurança Privada) promovido pela FENAVIST (Federação Nacional das Empresas de Segurança e Transporte de Valores) que seu faturamento cresceu mais de 90% entre 2010-2014 e, neste ano, atingiu pelo menos R\$ 4.8 bi na região Sul. Nesse contexto, conforme o 10º Anuário do FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública), o número de vigilantes ativos (26.755) - no qual não se incluem trabalhadores informais - já ultrapassava o contingente de policiais civis e militares (21.753) no estado gaúcho em 2016. Tendo em vista que a velocidade de expansão do setor não pode ser explicada somente por indicadores criminais - os quais mantiveram períodos de relativa estabilidade e até mesmo declínio desde a sua consolidação no Brasil, nos anos 1970 -, sustenta-se, com base em referenciais teóricos construcionistas, que a dimensão subjetiva da insegurança é um fator crucial para a proliferação de agentes do policiamento privado pelo estado. Nesse sentido, as conclusões parciais indicam que a cultura do medo, por reduzir o crime e a violência a sinônimos de uma força cega, incontrolável e alheia à sociedade civilizada, alimenta sentimentos de impotência na população e, assim, influencia na constituição de um novo paradigma de controle social, orientado para a privatização. Além disso, evidenciam a importância de compreender essa dinâmica contemporânea de policiamento, ainda pouco abordada em produções acadêmicas nacionais.